

Hemingway em Toronto

ALICE VIEIRA
jornalista e escritora

A cabo de chegar de Toronto, a mala ainda por desfazer, as horas de sono ainda trocadas e, para ajudar, havia amigos que me ligavam às cinco da manhã, julgando-me nas dez da manhã de Lisboa! Mas, pelo menos, durante as sete horas de voo houve tempo para pôr as ideias em ordem, e pensar noutras coisas para lá das não sei quantas idas a escolas e bibliotecas. Esta foi a minha quarta ida a Toronto. E em todas elas me aparece sempre o meu amigo Carlos, que lá vive há muitos anos, para me fazer – como ele diz – algumas surpresas. Ou seja: para me levar a lugares que a maior parte das pessoas não conhece, enfiados em ruas que não são as grandes avenidas. Foi assim que um dia fui parar diante de uma vivenda minúscula, escondida entre prédios de muitos andares e parques de estacionamento, com o Carlos a dar-me uma lição extraordinária sobre o Marshall McLuhan, que

ali sempre tinha vivido e partilhado a sua «aldeia global» com os seus alunos. Desta vez o Carlos tinha outra surpresa escondida na manga: depois de atravessarmos ruas e parques e mais ruas e parques, manda-me sair do carro, leva-me por entre ruas e máquinas de uma estrada em obras e, apontando para um prédio diz: «Foi aqui que Hemingway se tornou escritor.» Nunca me tinha passado pela cabeça associar o nome de Hemingway à cidade de Toronto. Mas, no prédio, uma placa em bronze tira as dúvidas a quem as pudesse ter: tinha sido ali, exatamente ali, que Hemingway, em 1920, tinha escrito os seus primeiros textos, publicados no jornal *Star*. Só muito depois partiria para Paris e para uma nova vida. Mas tinha sido ali que tudo tinha começado. O que é engraçado é que Hemingway sempre odiou Toronto. Há quem diga que esse ódio era o resultado de três coisas

para ele insuportáveis: gente sisuda que o aborrecia de morte; pouco álcool à sua disposição; e protestantes por toda a parte. Talvez se possa juntar a isto o facto de ser miseravelmente pago, um *penny* por palavra, embora, verdade seja dita, os textos também não merecessem muito mais: quem lê hoje essas pequenas crónicas, que ele assinava no *Star* nos anos 20, dificilmente acredita que é o mesmo que escreveu os extraordinários contos (*short stories*) e romances que hoje conhecemos. Se não fosse a sua obra posterior, decerto que nenhuma placa de bronze assinalava a sua passagem por Toronto. A cidade onde – segundo ele escrevia e repetia para quem o ouvia – «só havia pessoas que eram uma porcaria». (Bem, «porcaria» não foi bem o termo que ele usou, mas esta é uma revista decente...) E mesmo assim a cidade orgulha-se dele. E põe placas de bronze no lugar onde ele escreveu textos a insultá-la. Mas isto acho que acontece a toda a gente. Nós também nos babamos sempre muito

quando recordamos Lord Byron, nos seus poemas do século XIX, extasiado em Sintra, a chamar-lhe «um Eden glorioso»... E estamos sempre a citá-lo. Claro que não citamos nunca o resto da estrofe, com ele a exclamar como Sintra estava desprezada, e como era quase um crime tanta beleza desperdiçada nas mãos de gente como os portugueses (que ele desprezava, e com quem se gabava de ter aprendido muitos palavões)... Mas é assim. O que se quer – o que todos querem – é que gente famosa fale de nós. E haverá sempre placas de bronze para o recordar. ■

